

O AUTOMATISMO PSÍQUICO COMO RECURSO FORMAL: UMA ANÁLISE DA OBRA DE JACK KEROUAC, ALLEN GINSBERG E JACKSON POLLOCK

Juli Anna Ruzzarin¹

Joseane Rücker²

Resumo: Através de abordagens exploratórias e causais, esta pesquisa busca aproximar o texto visual do Expressionismo Abstrato, focando na obra número 1 de Jackson Pollock, e o literário de *Ontheroad*, de Jack Kerouac, e do poema de Allen Ginsberg, “O Sutra do Girassol”, representantes da Geração *Beat*. Para este artigo, será feito um recorte da pesquisa que deter-se-á ao poema “O Sutra do Girassol” evidenciando como a mensagem proposta é refletida nos elementos formais e por que ela é considerada representantedas ideologias da geração em que está inserida. Para tal efeito, foram estudados a estruturação formal de seu conteúdo e o seu processo de construção de significado, através de teorias acerca da semiótica textual e da manifestação da intimidade do artista, como *o Fluxo de Consciência* proposto por Robert Humphrey, e por Antônio Vicente Pietroforte no livro *Discurso da Poesia Concreta*.

Palavras-chave: Geração *beat*; Allen Ginsberg; Construção simbólica; Semiótica poética; Fluxo da consciência.

Introdução

Entre os movimentos literários, é possível perceber como a produção textual reflete os princípios e valores da época na qual foi concebida. As obras do Parnasianismo, por exemplo, movimento literário de 1850 no qual a criação artística se prendia a rigorosos sistemas de metrificação e enfatizava a *arte pela arte*³, refletem o espírito positivista que estava vigente naquele contexto. Da mesma maneira, este trabalho propõe evidenciar a poesia de Allen Ginsberg como um manifesto do contexto *Beat* ao qual pertence, visto que exterioriza as ideologias de seu particular e constitui a voz de toda uma geração.

Para evidenciar a produção artística como o reflexo dos valores e princípios da sociedade na qual foi concebida, torna-se essencial, primeiramente, entender a esfera de aspectos

¹Estudante do 4º semestre do curso de Publicidade e Propaganda. Email: juli_ruzzarin@hotmail.com

² Professora dos cursos de graduação em Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Design – Formação Visual e Moda da ESPM-Sul. E-mail: joseanerucker@gmail.com.

³Forma artística que prioriza a estética; conceito definido por Alexander Baumgarten como uma estética legisladora acessível ao entendimento humano que funciona como uma tábua fixa de referência para os critérios da produção e da apreciação da arte (LEAL, p.3).

sociais, econômicos e culturais que a constituem, portanto, no primeiro momento da pesquisa será feita uma investigação exploratória e descritiva acerca de tais características. Uma de suas principais individualidades, por exemplo, é o fato de a geração *Beat* surgir em meio a uma sociedade regada pelo consumo e pela obtenção de lucro pessoal, da qual seus seguidores não se viam parte, logo, eles eram considerados como membros de um movimento de contracultura. Essa sensação de ser um *outsider*⁴ dentro de um grupo social do qual uma pessoa se vê inserida sem escolha é uma das principais características do poema “O Sutra do Girassol”, no qual Ginsberg retrata este sentimento a partir de uma série de elementos simbólicos e formais utilizados, não de uma maneira pessoal e íntima, mas como se este fosse direcionado a todos que se assemelham e concordam com os valores do poeta, exaltando-o como um discurso.

A análise da construção textual será feita através de uma abordagem bibliográfica fundamentada nas concepções teóricas acerca do *Fluxo de Consciência* propostas Robert Humphrey, que garante que o pensamento segue um movimento através de uma série de associações que o cérebro cria desde sua primeira aparição na consciência do artista até sua expressão exteriorizada. Com estes fundamentos, os elementos formais presentes na construção do poema, tais como a pontuação, a utilização de analogias e de imagens e o aspecto descontínuo da obra, serão interpretados para demonstrar como eles reforçam a manifestação da psique do narrador. Para tal efeito, serão abordados os pensamentos de Antônio Vicente Pietroforte acerca da semiótica poética.

O poeta *beat* Allen Ginsberg (3 de junho de 1926 – 5 de abril de 1997), autor do livro *Uivo Kaddishe outros poemas*, uma das coletâneas de poesia mais lidas nos Estados Unidos, com sua obra “O Sutra do Girassol” consiste em um exemplo ideal de recorte para a apresentação do trabalho. Juntamente com a abordagem teórica proposta, o poema será desconstruído a fim de verificarmos as ferramentas utilizadas para a manifestação do conteúdo da psique na composição formal do poema em prosa.

1 Allen Ginsberg, os *beats* e a contracultura

Um garoto quieto, tímido e complicado cuja mãe ocasionalmente sofria de surtos psicóticos e um adolescente gay com a sexualidade cada vez mais aflorada, pertencente a um grupo de jovens obcecados concomitantemente por drogas e literatura. Ainda que pareça estar

⁴ Expressão popular no inglês utilizada para definir alguém isolado ou desatrelado das atividades ou preocupações de sua própria comunidade.

descrevendo dois personagens opostos entre si, a exposição anterior se vale para as diversas facetas na vida de Allen Ginsberg (3 de junho de 1926 – 5 de abril de 1997), um dos principais participantes da Geração *Beat*. Hora fascinado pelo espiritualismo oriental, hora poeta obscuro e pornográfico com uma forte tensão sexual, ou ainda um romântico ao extremo que repentinamente abandonava suas utopias e seguia uma trilha fortemente marcada pela desilusão e neurose, as dicotomias que permearam sua vida são características intrínsecas em sua produção. Seu livro mais famoso, *Uivo*, foi considerado pela crítica o reflexo de seu criador: perverso e obscuro. Após passar por um longo processo de julgamento, em 1956, sua publicação foi autorizada. Entretanto, todo este caos em torno de sua aceitação ou rejeição e também de tudo relacionado aos então denominados *Beats* foi apenas uma faísca que acendeu mais ainda seu reconhecimento perante o público, fazendo com que *Uivo* fosse o livro de poesia mais vendido nos Estados Unidos à época de sua veiculação, juntamente com o lançamento de *Ontheroad* e todo o sucesso que este causou ao seu escritor Jack Kerouac (12 de Março de 1922 - 21 de Outubro de 1969), grande amigo de Ginsberg e justamente um dos frequentadores do seu grupo de rebeldes antes mencionado. Sua obra jamais seria o que é hoje em dia caso não estivesse inserida dentro do contexto *Beat* com o qual é associada, o que torna ilustrativo para a compreensão da mesma uma abordagem geral sobre as características principais deste movimento.

Fruto da cidade de São Francisco, berço da contracultura norte-americana em meio às décadas de 1940 e 1950, e da controversa sociedade que, por um lado, estava assolada pela Segunda Guerra Mundial e que, por outro, estava vivendo o ápice do crescimento econômico e da ascensão da classe média, na qual o consumo e a importância de viver em conforto eram aspulsões das pessoas, uma geração de jovens, filhos desta “nova burguesia”, não concordava com o rumo que a população estava tomando. Eles eram inconformados com a tirania das massas e a padronização da humanidade e não aceitavam os valores de segurança e bem-estar que pareciam ser as únicas questões de grande importância para a época. Ademais, a falta de preocupação perante a imensa população europeia que estava devastada enquanto os Estados Unidos enriqueciam de maneira incontrolável lhes era inaceitável. Eles passam então a refletir sobre este novo *americanwayoflife*, utilizando-se de abordagens tratadas pelo expressionismo europeu de Jean Paul Sartre (Paris, 21 de Junho de 1905 — 15 de Abril de 1980), e dos conhecimentos adquiridos a partir da literatura de escritores americanos como Walt Whitman (31 de maio de 1819 – 26 de março de 1892), Jack London (12 de janeiro de 1876 - 22 de novembro de 1916) e Mark Twain (30 de novembro de 1835 — 21 de abril de 1910), os quais valorizavam a vida na estrada, a busca pela verdade e pelo bucolismo. Um exemplo dessa

influência são as referências diretas a Walt Whitman no poema “Um Supermercado na Califórnia”, com versos como “aonde estamos indo, Walt Whitman? As portas se fecham em uma hora. Que caminho a sua barba nos indica esta noite?⁵”.

Este grupo de jovens começa, então, a refletir seus pensamentos em diversas produções artísticas, e, ainda que cada um possuísse um estilo específico de escrita, todos são englobados no grupo dos escritores *Beats* por conviverem entre amigos com ideais e estilos de vida semelhantes, juntamente com a admiração mútua entre seus membros e grandes experiências compartilhadas, as quais geraram grande parte do acervo literário deixado por eles. *Ontheroad*, de Kerouac, nada mais é que a retratação de uma grande viagem feita até o México entre Sal Paradise e Dean Moriarty, pseudônimos para ele e seu amigo NealCassady⁶, na qual diversos trechos são em conjunto com Ginsberg, ou melhor, Carlo Marx na obra, e até mesmo o velho Old Bull Lee, nome escolhido por Jack para se referir a William Burroughs. A produção do poeta também é recheada de homenagens aos seus amigos, como, por exemplo, ao dedicar *UivoKaddishe outros poemas* a todos os citados anteriormente na nota do livro, referindo-se a Kerouac como o “buddha da poesia norte americana”, a Cassady como quem “iluminou o buddha” e a Burroughs como autor de um “romance infinito que irá causar a loucura a todos”.

Na obra literária de Allen Ginsberg um dos livros de maior destaque é *Uivo*, no qual as criações mais prestigiadas são o longo poema homônimo ao livro, uma forma de homenagem ao amigo do poeta, Carl Solomom, e também “Kaddish”, obra em que escreve sobre a loucura e morte de sua mãe numa espécie de auto-exorcismo. Porém, a obra abordada neste trabalho será “O Sutra do Girassol”. Os motivos que levaram à escolha deste poema são vários, e um deles é a conexão com Kerouac por ele ser um dos personagens evidenciados ao longo dos versos; outro é a forte presença de símbolos e analogias que manifestam as dicotomias presentes em toda sua produção e são de grande relevância em sua vida pessoal; e, principalmente, por seu caráter romântico e idealizador de um mero girassol que, em meio ao cenário devastado de uma velha locomotiva norte-americana, encontra-se num estado de esquecimento de sua *perfeita existência de girassol*, acreditando ser apenas o *fantasma de*

⁵Tradução livre: “Where are we going, Walt Whitman? The doors close in an hour. Wichway does your beard point tonight?”.

⁶NealCassady, ainda que não tenha sido de grande relevância com sua obra literária, é um dos mais importantes personagens entre os *Beats*, pois foi ele quem inspirou Kerouac a seguir a grande viagem que originou *Ontheroad* e possuía uma profunda ligação com Ginsberg: ambos ficavam horas sentados frente ao outro –com uma série de drogas agindo nas suas consciências–, em absoluto silêncio, tendo o que chamavam de conversas telepáticas, conforme Kerouac narra diversas vezes em seu livro.

*uma locomotiva*⁷. Os aspectos importantes para tal abordagem são os referentes ao processo de construção dos elementos formais e de imagem que o eu-lírico projeta na obra e, através desta abordagem, conseguir evidenciar como eles esboçam o posicionamento do autor e como ele o transmite para o leitor.

2 O sutra do girassol enquanto manifesto *beat*

Uma vez concluída a abordagem das principais características que permeiam a produção da Geração *Beat*, assim como do contexto cultural, social e econômico que possibilitou a sua emergência, será realizada a análise do poema “O Sutra do Girassol” a fim de evidenciar quais os elementos pertencentes a sua estrutura que refletem o ideal da geração a qual pertence e explicitar por que esse pode ser caracterizado como um *poema-manifesto*. Para tal fim, a análise será dividida em duas partes, sendo a primeira referente à sua construção simbólica e a segunda à sua estruturação formal.

2.1 A ambiguidade como ferramenta de construção simbólica

Diz-se que algo é ambíguo quando diversas interpretações, e não apenas uma única e limitante acepção, são possíveis para o que está sendo analisado, seja numa frase, em uma imagem ou até no comportamento humano. Normalmente, é atribuída a essa um caráter negativo, sendo vista como um defeito da produção. Porém, existem diversos escritores que desta se utilizam como um diferencial a suas obras porque, assim, são capazes de amplificar o caminho de interpretação para o leitor, podendo, ainda, induzi-lo a seguir por uma ou outra direção através dos elementos narrativos que funcionam como artifícios para reforçar o motivo inicial proposto pelo autor ao abordá-la. Ginsberg é fortemente marcado pelas antíteses, contradições e comparações em sua obra, as quais consistem na sua forma de indiciar esta construção mental pelo leitor e que serão analisadas de modo a comprovar como os principais símbolos utilizados no poema – o girassol e a locomotiva – são atribuídos a diversos sentidos diferentes ao longo do poema.

Eu caminhava às margens da doca de latão onde se descarregavam bananas e
me sentei sob a sombra gigante de uma locomotiva da Southern
Pacific para olhar o pôr-do-sol sobre os
morros de casinhas em forma de caixas e chorar. (GINSBERG, 2010, p. 107)

⁷ Os trechos em itálico são referências a versos do poema “O Sutra do Girassol”.

A primeira menção à locomotiva se dá no segundo verso, quando ela é caracterizada pela presença de uma *sombra gigante* sob a qual o narrador-personagem se senta. A sombra, de acordo com Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, é, por um lado, o que se opõe à luz e, por outro, a própria imagem das coisas fugidias, irreais e mutantes (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2011, p. 842). Seguindo a sua definição, ele afirma que a sua ausência explica-se pela “permeabilidade absoluta do corpo à luz por meio da purificação”. Tal perspectiva é herdada dos princípios do pensamento chinês, com o qual o poeta tinha um grande vínculo pessoal e que era refletido em toda a sua obra⁸. Quando o objeto iluminado está centralizado com a direção dos raios solares, nenhuma sombra é projetada sobre ele e essa posição central que a torna inexistente é a hora da paz interior. Logo, quando Ginsberg a menciona como parte do cenário, podemos afirmar que a locomotiva e seu espírito encontram-se conturbados, já que ela não está centralizada com a iluminação do sol. Com isso, o poeta demonstra que ela encontra-se atualmente em uma situação contrária a de seu passado: hoje, a locomotiva nada mais é que a sombra de algo que outrora brilhava e possuía grande poder e potencial. Na análise que se dará a seguir, essas características serão aliadas a de outro símbolo de grande importância no poema – o girassol – e no que eles estão representando quando unidos.

No trecho “Olhe o Girassol, ele disse, tinha uma sombra cinza e morta contra o céu, grande como um homem, sentada seca sobre uma pilha antiga de serragem” (GINSBERG, 2010, p. 107) é feita a introdução ao Girassol que é caracterizado da mesma maneira que a locomotiva o foi anteriormente, através da menção a existência da sombra, conforme evidenciado nas palavras destacadas. A utilização dos adjetivos “grande” e “gigante” representa uma aproximação entre os dois símbolos devido a sua semelhança de significado, o que demonstra que ambos, na verdade, estão em situações idênticas e, portanto, são a mesma coisa. Na sequência, outra análise pode ser inferida pela utilização do verbo “sentar” nos diferentes versos. No primeiro momento, o narrador afirma que ele está sentado sob a sombra da locomotiva, mas, no segundo, afirma que quem está nesta posição é a sombra do Girassol (consequentemente, o próprio Girassol). Ao realizar esta analogia, Ginsberg quer se inserir no contexto do outro elemento, mostrando a igualdade de situação entre os dois e, com isso, como o Girassol está, neste caso, representando o eu-lírico em si.

⁸ Na introdução ao livro de cartas de Jack Kerouac & Allen Ginsberg, da editora LPM, é citado que foi Kerouac quem introduziu Ginsberg ao pensamento budista. “Ginsberg abraçou o budismo tibetano e o praticou seriamente por décadas” (2012, p. XIX). Essa característica marca toda a sua obra poética, o que concorda com o fato de ele se utilizar de um símbolo cujo significado é vertente da mesma fonte de conhecimento que esta religião. Outro aspecto do poema que reflete o misticismo oriental é a utilização do termo “sutra” no título, que, no budismo, refere-se aos escritos que continham os ensinamentos orais de Buda Gautama, o fundador da religião.

eu corri encantado – era meu primeiro girassol,
– memórias de Blake – minhas visões – o Harlem
e Infernos dos rios do leste, pontes retinindo sanduíches
do Joe Greasy, (...) e os artefatos afiados se afundando no
passado. (GINSBERG, 2010, p. 107)

Quando o autor afirma “memórias de Blake”, ele está alterando o sentido primário do girassol para agora relacioná-lo ao do poema de William Blake (Londres, 28 de novembro de 1757 — Londres, 12 de agosto de 1827) “Ah! Girassol”⁹, retirado do livro *Canções da Inocência e Inexperiência*, o qual atribui à flor a expressão de juventude fugidia que está em uma constante jornada em direção ao sol (a iluminação). Com este exercício de apropriação de sentido, Ginsberg transforma o girassol em um elemento de resgate ao seu passado e à época em que ele era jovem. Essa retomada é explicitada nos versos seguintes, os quais trazem uma série de imagens compostas de maneira fragmentada, representando a psique em formação¹⁰ do eu-lírico nessa lembrança de uma época antes vivida.

Vale lembrar que, nos trechos analisados anteriormente, a memória de uma vida passada também é explicitada no conceito da locomotiva e do girassol, porém, com a utilização do elemento da “sombra”, o que mostra como a obra está permeada pela valorização do passado como representante de poder, de vivacidade e de iluminação, enquanto o presente nada mais é que a “sombra gigante” dessa época de glória. A maneira escolhida pelo poeta para escrever os elementos de imagem é importante para o processo de construção de significado do poema, porém, a abordagem de seus elementos formais se dará em um momento posterior do trabalho.

e o Girassol cinza se equilibra contra o pôr-do-sol,
desolação que quebra e poeirenta com a fuligem e a fumaça
e a poluição de locomotivas velhas em seu olho -
corola de espinhos embaçados decaídos e quebrados como
uma coroa espancada, sementes caídas de seu rosto,
(...) como um arame
teia seca de aranha,
folhas esticadas como braços saindo do tronco, gestos
vindos da raiz de serragem, pedaços quebrados de gesso

⁹ AH, GIRASSOL, por William Blake. Ah, girassol, que o tempo exaure!/ Que medes do sol a passada;/ e buscas aquele áureo clima/ que é o rumo de nossa jornada: / lá onde a ardente juventude /e a virgem que em neve se veste/ do túmulo se erguem e aspiram / ao rumo que só tu soubeste.

¹⁰ Esta construção fragmentada da escrita é evidente na literatura de Virgínia Woolf, a qual é estudada por William James através de sua análise sobre O Fluxo Da Consciência por abordar as referências e os significados do texto de maneira intencionalmente vaga e inexplicada, com um elemento de desvio de um único assunto (HUMPHREY, 1976, p.29). A escolha do poeta de escrever desta maneira reflete o caráter autobiográfico da obra, uma vez que, por apresentar seus pensamentos de forma que eles são construídos ao longo do poema, ao contrário de serem entregues ao leitor de maneira estruturada e coesa, ele está representando o movimento que a psique faz quando quer produzir certa significância.

caídos de galhos negros, uma mosca negra em seu ouvido, (GINSBERG, 2010, p. 107)

No primeiro verso deste trecho, o Girassol volta a ser o elemento do presente ao qual o eu-lírico estava se referindo no início da obra e deixa de ser o girassol de Blake. Nota-se que nestes momentos em que ele está sendo representado como o objeto principal da cena ao qual Ginsberg está atribuindo significados diversos, ele aparece com a primeira letra maiúscula, o que indica que deixou sua posição de uma simples flor em meio ao cenário para ser personificado pelo escritor através de sua transformação em um substantivo próprio. A presença da sombra continua evidente neste trecho, ainda que ela não seja mencionada diretamente como antes, com a expressão “se equilibra contra o pôr-do-sol”, uma vez que ele permanece na mesma posição contrária à direção dos raios solares.

Nos versos seguintes, uma longa descrição de características é feita acerca das circunstâncias em que a planta se encontra, nas quais ele mistura elementos pertencentes a ela aos do cenário. Por exemplo, o poeta cita a “corola”, “coroa”, as “sementes” e as “folhas”, objetos intrínsecos a sua condição de natureza, porém, para adjetiva-los, se usa de categorizações pertencentes à esfera industrial. Essa forma de caracterização busca mostrar como o natural é afetado pela ambiente industrializado em que se encontra, perspectiva introduzida pela expressão “e a poluição de locomotivas velhas em seu olho –” e que se intensifica nos versos seguintes ao travessão que é utilizado para introduzir este novo pensamento. Pode ser inferido através desta cena que o autor quer representar, da mesma forma que o fez anteriormente ao associar a locomotiva ao estado destituído de poder dos Estados Unidos, todo o cenário norte americano daquela época, na qual o avanço industrial estava atingindo proporções imensas e ocupando toda a naturalidade do país, e não apenas limitando-o ao poema, mas, sim, utilizando-se do *Girassol cinza que se equilibra contra o pôr-do-sol* para representar esta inclusão do contexto social em que vivia.

Profana coisa espancada era você, meu girassol, oh
minha alma, eu te amava tanto então! (...)
aquelas pálpebras de
miséria negra, aquela mão de fuligem ou falo ou protuberância
artificial de algo mais que sujo – industrial -
moderno – toda aquela civilização manchando sua
louca coroa dourada -
e aqueles *pensamentos lacrimajantes* de morte e insensíveis
e empoeirados olhos e fins e raízes murchas no fundo, na
pilha natal de areia e serragem, (...)
– todos estes
emaranhados em suas raízes mumificadas – e você lá.(GINSBERG, 2010, p. 107)

Neste recorte, uma nova análise possível pode ser deduzida através da utilização do poeta pelos pronomes possessivos ao se referir ao girassol, como em “era você, meu girassol” e, então, em “minha alma, eu te amava tanto então”. Pode-se admitir que ele está (da mesma forma que o fez anteriormente ao citar que ambos, ele e girassol, estão sentados, evidenciando-os como duas partes constituintes de um mesmo signo) misturando a sua existência com a da flor, pois une o objeto analisado, que é a parte representante do cenário, a sua alma, elemento intrínseco à esfera pessoal do poeta como personagem. Logo, chega-se a mesma conclusão de que, ao se utilizar desses exercícios de aproximação, Ginsberg está, na realidade, projetando a sua psique na imagem do girassol, o que é intensificado nos versos seguintes nos quais ele passa a caracterizá-lo como algo que foi infectado pela industrialização, como em “toda aquela civilização manchando sua louca coroa dourada”. Outro elemento de aproximação utilizado neste trecho é a utilização das expressões “pensamentos lacrimejantes”, “empoeirados olhos e fins e raízes murchas” e “pilha natal de areia e serragem”, por estas já terem sido mencionadas no início do texto nos versos a seguir:

morros de casinhas em forma de caixas e chorar. (...)
olhos marejados e ressaca como velhos vagabundos (...)
cercada pelas raízes de aço cheias de nós das árvores de
maquinaria.
Olhe o Girassol, ele disse, tinha uma sombra cinza
e morta contra o céu, grande como um homem, sentada
seca sobre uma pilha antiga de serragem.(GINSBERG, 2010, p. 107)

A semelhança entre a abordagem nos dois momentos no texto é evidente na relação entre as palavras “lacrimejantes” e “chorar”; “empoeirados olhos” e “olhos marejados e ressaca”; “raízes murchas” e “raízes de aço cheias de nós” e, por fim, entre “pilha natal de serragem” e “pilha antiga de serragem”. Ao utilizar-se destes elementos semelhantes, uma forma de aproximação está sendo feita, assim como foi analisado em diversos outros momentos do poema, porém, neste momento, o objeto utilizado para esta aproximação não é mais o adjetivo, e sim o próprio substantivo, sendo que ele usa o mesmo sujeito nos versos, apenas os caracteriza de maneiras diferentes.

Ainda neste trecho, é possível perceber uma separação entre os elementos abordados, que em determinado momento são referentes à esfera do girassol e, no outro, pertencem a memórias do poeta, os quais são introduzidos pela expressão “e aqueles pensamentos lacrimejantes de morte (...)” e terminam com a utilização do travessão no verso “emanharados em suas raízes mumificadas”. Entretanto, ainda que cada um esteja separado de acordo com o seu referencial (o cenário do poema e o da vida particular do poeta), uma vez que estão

inseridos no mesmo trecho e são escritos de maneira semelhante, com a utilização das mesmas categorizações e sujeitos, eles estão, também, aproximando os dois cenários, novamente numa tentativa de inserção da intimidade de Ginsberg na imagem que ele está construindo no poema.

emaranhados em suas raízes mumificadas – e você lá
em pé na minha frente durante o pôr-do-sol, (...)
Uma beleza perfeita de um girassol! Uma perfeita, excepcional
e amável existência de girassol! (...)
Pobre flor morta? quando você se esqueceu de que era uma
flor? quando você olhou para sua pele e
decidiu que você era uma velha locomotiva suja e impotente?
o fantasma de uma locomotiva? o espectro e
a sombra de uma outrora poderosa locomotiva americana?
Você nunca foi locomotiva alguma, Girassol, você foi um
girassol!
E você locomotiva, você é uma locomotiva, não me
esqueça! (GINSBERG, 2010, p. 107)

A partir do travessão, conforme será analisado em uma análise posterior do poema, o poeta introduz uma nova perspectiva para a análise da cena que está sendo observada, Ginsberg faz um movimento de retorno de sua psique para o cenário em que se encontra, abandonando as imagens mentais de memórias pessoais passadas que são mencionadas no trecho anterior ao travessão. Neste momento, por sua vez, o girassol não é mais visto como uma figura negativa, fraca e destituída de poder, mas sim como algo que “*acordou vivo e excitado agarrado na sombra do poente nascente mensal*”. Da mesma forma que o eu-lírico retoma a consciência do local onde se encontra, voltando sua análise ao girassol e ao cenário ao redor dele e abandonando as memórias que passaram a permear seu espaço psíquico, o próprio Girassol também volta a ter consciência de si e de sua *perfeita existência* quando o poeta passa a diferenciá-lo da locomotiva, ao contrário da análise de relação com que vinha abordando ambos signos, através da sequência de interrogações (evidenciadas nos versos acima) direcionadas a ela acerca de sua própria existência. Ao realizar as perguntas “quando você se esqueceu de que era uma flor?” e “quando você olhou para sua pele e decidiu que você era uma velha locomotiva suja e impotente?”, ele está buscando resgatar o estado da planta como representante da vida e de poder, e não mais impondo a ela uma concepção morte, de falta de poder e de sombras.

Então eu apanhei o espesso esqueleto do girassol e o enfiei
ao meu lado como um cetro,
e profira o sermão à minha alma, à alma de Jack
também e para qualquer que o ouça,
- Nós não somos nossa pele de lodo, nós não somos nossa pavorosa

desolada enferrujada locomotiva sem imagem, nós somos todos
lindos girassóis dourados por dentro, nós somos abençoados
por nossa própria semente e loiros corpos
completos crescendo tornando-se loucos girassóis
formais e negros no pôr-do-sol, espionados por nossos
olhos sob a sombra da louca locomotiva
beira do rio pôr-do-sol São Francisco tarde montanhosa de latão
vendo tudo sentado. (GINSBERG, 2010, p. 107)

O poema termina, então, com uma espécie de discurso que é anunciado pelo personagem, conforme evidenciado no trecho. Este, por sua vez, é a forma escolhida pelo autor para retratar a mensagem que busca, desde o início do poema, construir e, então, transmitir a não apenas o personagem, ao poeta, ao girassol ou a locomotiva, mas, na realidade, a toda a sociedade que vivia e compartilhava ideais semelhantes aos do poeta e, também, de toda a Geração *Beat*. Ginsberg quer causar um exercício de reflexão nos seus leitores quando afirma que profere o sermão *a qualquer que o ouça*, englobando todos estes ouvintes através da utilização da terceira pessoa, como em “nós não somos”, de forma que estes reflitam sobre as suas próprias condições, lembrando-os de que não são a “*pavorosa desolada enferrujada locomotiva*”, mas sim “*lindos girassóis dourados por dentro*”. Nesta mensagem final, por sua vez, é que reside o motivo que levou o poeta a nomear seu poema com o vocábulo “sutra”. Assim como Buddah tinha registrado em seus sutras os seus ensinamentos orais, que eram interpretados e seguidos por seus fiéis, Ginsberg retrata aos seus leitores (que, de certa maneira, são os seus *fiéis*) e a todos os envolvidos no contexto da *Beatitude* com o qual é associado a sua mensagem final, ou seja, o *seu* ensinamento, buscando lembrá-los de o quanto a existência humana é poderosa e vivaz – *somos todos lindos girassóis dourados por dentro* – ainda que esteja temporariamente esquecida desta condição por se encontrar afetada pelo cenário em que se encontra – *espionados por nossos olhos sob a sombra da louca locomotiva*.

2. 2 Os elementos formais utilizados para ressaltar a significância simbólica

Uma vez compreendida a intenção proposta pelo poema “O sutra do Girassol”, torna-se necessário buscar indícios que a comprovem em sua estruturação formal. Conforme analisado previamente, a alternância de símbolos permeia a obra de maneira intencional para construir seu significado. Esse, por sua vez, é reforçado através de certas ferramentas linguísticas ao longo dos versos, as quais pertencem a sua esfera de significante. A fim de

esclarecer a exposição, serão evidenciadas quatro delas, o travessão, a personificação, adjetivação, e a conjunção “e”.

O poeta retrata o cenário do poema no presente, no qual ele, como autor, e não como eu-lírico fictício, é um dos personagens, evidente pelo fato de quem o acompanha ser Jack Kerouac, seu amigo íntimo. A narração em 1ª pessoa que conduz o texto, na maior parte dele de maneira coesa e estruturada, se restringe a observar o cenário, podendo ser caracterizada de acordo com a abordagem proposta por Brooks e Warren (1959) como *primeira pessoa protagonista*¹¹. Contudo, certos versos contêm trechos desconectados com o resto do cenário, os quais representam memórias passadas pertencentes a psique do poeta que são resgatadas do fundo de sua consciência para a sua superfície e, então, são exteriorizadas de maneira confusa e informal. Marcados pela utilização de diversos substantivos e adjetivos que consistem em símbolos que remetem a um outro tempo que não o experienciado até então, esses versos formam um exercício de *flashback* para outra cena que não a analisada, e encontram-se entre dois travessões, como em “eu corri encantado – era meu primeiro girassol,/ memórias de Blake – minhas visões – o Harlem/ e Infernos dos rios do leste, pontes retinindo sanduíches/do Joe Greasy, (...)/só a nojeira úmida e os artefatos afiados se afundando no passado –”. O travessão funciona, então, como um elemento de introdução a uma nova cena que não pertence ao momento e lugar que estavam sendo analisados até então, e, assim, é a ferramenta linguística utilizada para indicar alternância de ambiente pelo ponto de vista do narrador do poema em prosa.

O segundo aspecto formal analisado é a personificação, utilizada para indicar a variância de significado do termo ‘girassol’. Conforme explicitado anteriormente, em cada momento específico do texto o signo altera a sua parte significante e representa uma imagem exterior ao que ele é em sua essência. Quando Ginsberg se refere ao girassol com a letra maiúscula, portanto, como um substantivo próprio, está personalizando-o para indicar uma nova significância. Em contrapartida, existem momentos em que se refere a ele como seu papel real (o de flor em meio ao cenário). Esta relação é feita intencionalmente e é explicitada no verso “você nunca foi uma locomotiva, Girassol, você foi um girassol!”, no qual a primeira menção ao objeto está relacionando-o ao contexto externo do ideal geracional *Beat* e, na

¹¹ Estes teóricos entendem que há duas formas de para analisar uma história –decorrentes do grau de participação ou de observação do narrador- as quais indicam maior ou menor distância entre personagem e leitor (DAL FARRA, 1978, p. 27). Neste caso, a abordagem é interna, uma vez que o narrador tem maior participação dos acontecimentos, e é em primeira pessoa protagonista pelo fato do narrador contar a sua história própria, por ser o personagem principal, reduzindo a distância entre ele e o leitor.

segunda, está abordando-o como a flor que é, presente no cenário em que está e sem fugir desta representação.

O poeta também se vale da utilização de certos adjetivos que, ao serem agrupados através de semelhanças ou *antagonias*, reforçam o referencial do signo abordado. Existe, dentro da análise do ponto de vista do narrador, a teoria formulada por Percy Lubbock (1947) que distingue a apresentação *cênica* da *panorâmica*, as quais podem ser tratadas de forma *pictorial* ou *dramática*. A adjetivação exacerbada evidente na obra manifesta seu tratamento pictorial, uma vez que este “compreende a existência de um narrador que usa sua própria linguagem e seus próprios padrões de apreciação, a fim de reproduzir alguma realidade que está em sua mente” (DAL FARRA, 1978, p.32). Exemplos dessa relação estão nos trechos em que qualidades como “cinza”, “morta” e “industrial” são utilizadas para caracterizar elementos referentes ao girassol, colocando-o como uma “pobre flor morta” destituída de sua “perfeita existência de girassol”.

O último elemento formal a ser analisado é a utilização da conjunção “e”, que é aliada ao uso do travessão. Enquanto este representa um exercício de *flashback* do poeta para adicionar um trecho referente a uma cena exterior à do poema, a conjunção é utilizada como ferramenta de resgate ao momento presente após o travessão que encerra esta manifestação da psique do eu-lírico. Desse modo, o autor consegue desviar a atenção do leitor do cenário que está sendo construído até então para outro que ainda não foi abordado, com o uso do travessão, e, ao concluir esta abordagem, retoma o foco anterior através do uso do conectivo “e”.

Considerações Finais

De forma a dar continuidade ao segundo momento da pesquisa, no qual serão relacionados os achados deste artigo com os estudos conseguintes da obra *Ontheroad*, de Jack Kerouac, e o quadro Número 1, de Jackson Pollock, é importante ressaltar quais os questionamentos iniciais que foram respondidos através do apanhado teórico analisado e também as dificuldades que possam ter surgido neste processo. Além disso, deve-se destacar a relevância desta pesquisa para o meio acadêmico e quais os possíveis desdobramentos e aplicações que ela pode instigar.

Tendo em vista que a o principal propósito deste estudo era o de evidenciar o poema “O Sutra do Girassol” enquanto um manifesto da Geração *Beat*, o movimento artístico ao qual o seu poeta, Allen Ginsberg, pertencia, foi concluído que ele retrata o ideal deste grupo em

suas duas esferas semióticas: a relacionada ao seu campo simbólico, como, por exemplo, a temática abordada, juntamente com os termos utilizados em sua construção; e a relacionada ao seu conteúdo formal e as ferramentas linguísticas que o escritor escolheu para retratar a mensagem proposta. A partir desta revelação, pode-se inferir que a forma e o conteúdo de uma obra literária são características intrínsecas para o seu estudo, e, além disso, como elas se relacionam. Dessa forma, afirma-se que a estruturação do significado de uma produção artística não é apenas a soma de suas partes, mas também como estas cooperam entre si. Esta conclusão, por sua vez, é de grande importância para o meio acadêmico, uma vez que é de comum ocorrência pesquisas que abordam puramente uma ou outra dessas esferas, realizando observações acerca ou de sua temática, ou de suas formalidades.

Através das hipóteses demonstradas neste primeiro momento e das que estão propostas para o decorrer da pesquisa, busca-se propor uma nova forma de leitura que não prioriza nem forma, nem tema de uma obra, mas sim que relaciona ambas para a compreensão de seu significado. Analisando a produção de Jack Kerouac, de Allen Ginsberg e de Jackson Pollock, este estudo é dotado de um aspecto multicultural, interdisciplinar e que transita por diversos campos temáticos. Desta forma, este artigo pode servir como um ponto de partida para uma série de possibilidades de pesquisa posteriores, tendo, assim, uma grande importância perante o meio acadêmico.

Referências

GINSBERG, Allen. *Uivo - Kaddish e outros poemas*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

KEROUAC, Jack. *On the road*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

KASHNER, Sam. *Quando eu era o tal*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

DO CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia – a juventude em questão*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

BLAKE, William. 2011. *Canções da inocência e da inexperiência*. Disponível em: <<http://www.arquivors.com/wblake1.pdf>>. Acesso em: 21 abril 2013.

HUMPHREY, Robert. *O fluxo da consciência*. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1976.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado*. São Paulo: Editora Ática, 1978.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. *O discurso da poesia concreta – uma abordagem semiótica*. São Paulo: Annablume - Fapesp, 2011.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

LEAL, Raimundo Santos. [s. d.]. *Contribuições da estética para a análise organizacional: a abordagem de uma dimensão humana esquecida*. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEO/eneo_2000/ENEO6.pdf>. Acesso em: 10 maio 2013.